



ENTRE MONSTROS, SERPENTES E PERSONAGENS DA HISTÓRIA: UMA ANÁLISE SOBRE AS OBRAS HITLER NO MARANHÃO OU O MONSTRO DE GUIMARÃES E “O MONSTRO DE GUIMARÃES”

Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira¹
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RESUMO: O presente artigo busca verificar como os autores Joaquim Itapary (1936) e Rodolfo Coelho Cavalcanti (1919-1987) desenvolvem o conceito de “monstro” em suas respectivas obras: *Hitler no Maranhão ou O monstro de Guimarães* (história narrada em prosa, mas também contada em forma de cordel) e o cordel “O Monstro de Guimarães”. Os nossos objetivos específicos se concentram em: identificar de que maneira os autores caracterizam “O Monstro de Guimarães” nas obras; analisar a influência da matéria do jornal *O Imparcial* sobre as obras em destaque; e mostrar como as obras *Hitler no Maranhão* e *O Monstro de Guimarães* reinventam um episódio histórico por meio dos saberes e vivências populares. Acreditamos que elas colocam em diálogo ficção e fatos históricos, a exemplo do episódio que ocorreu na cidade de Guimarães-MA, no ano de 1944, no qual os pescadores acreditavam ter visto um bicho enorme no mar, o que causou pânico na população. Tal fato é ressaltado no cordel de Rodolfo Coelho Cavalcanti, que cita a matéria do jornal *O Imparcial* em uma de suas estrofes. Desse modo, escolhemos as obras em destaque pela possibilidade que elas nos dão de compreender como a história apresenta relações com a ficção, bem como a visão dos autores sobre o relato do monstro de Guimarães. De um lado, Itapary, maranhense da cidade de São Bento e do outro, Rodolfo Coelho Cavalcanti, da cidade de Salvador-BA. Para fundamentar a nossa pesquisa, utilizamos os trabalhos de Suassuna (2012), Tavares (2005), entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel. “Monstro de Guimarães”. Escrita.

ABSTRACT: This article seeks to verify how the authors Joaquim Itapary (1936) and Rodolfo Coelho Cavalcanti (1919-1987) develop the concept of “monster” in their respective works: *Hitler in Maranhão or O monster de Guimarães* (story told in prose, but also told in the form of a string) and the “O Monstro de Guimarães” string. Our specific objectives focus on: identifying how the authors characterize “O Monstro de Guimarães” in the works; analyze the influence of the article in the newspaper *O Imparcial* on the featured works; and to show

¹ Discente de graduação da UFMA-Universidade Federal do Maranhão. Email: lemanuele17@gmail.com. O artigo é fruto de uma pesquisa do PIBIC-Programa de Bolsas de Iniciação Científica, sob a orientação do prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira. Email: fabiolittera@yahoo.com.br.

how the works *Hitler in Maranhão* and “O Monstro de Guimarães” reinvent a historical episode through popular knowledge and experiences. We believe that they put fiction and historical facts in dialogue, like the episode that occurred in the city of Guimarães-MA, in 1944, in which fishermen believed they had seen a huge animal in the sea, which caused panic in the population. This fact is highlighted in Rodolfo Coelho Cavalcanti string, which cites the article in the newspaper *O Imparcial* in one of his stanzas. In this way, we chose the highlighted works because of the possibility they give us to understand how history presents relations with fiction, as well as the authors' view of the story of the Guimarães monster. On one side, Itapary, Maranhão-MA from the city of São Bento and on the other, Rodolfo Coelho Cavalcanti, from the city of Salvador-BA. To support our research, we used the works of Suassuna (2012), Tavares (2005), among other authors.

KEYWORDS: Literature of twine. “Guimarães Monster”. Writing.

UM OLHAR SOBRE *HITLER NO MARANHÃO OU O MONSTRO DE GUIMARÃES*

A literatura de cordel possui várias opções no que se refere aos temas que possam vir a ser trabalhados nos folhetos. Desde as “pelejas” até a forma dos “abcês” que os poetas e cantadores apresentam em seus cordéis. Convém destacar ainda o processo de inspiração dos artistas. No livro *Autores de Cordel* publicado em 1980, vimos que as fontes de inspirações dos escritores são diversas:

Geralmente, inspiram os poetas os acontecimentos marcantes do cotidiano – desastres, mortes, assassinatos, cataclismos, enchentes, secas, –, ou, então, acontecimentos que envolvem toda a região, como o cangaço. A informação pode ser versejada diretamente, ou então segundo aquilo que o jornal, rádio ou televisão transmitiram. Pode, portanto, falar de um caso que se ouviu contar ou que foi tirado de um recorte de jornal, de uma história em quadrinhos, de um filme de cinema, ou ainda de uma canção de sucesso, como no saco de O Ébrio (História de João José da Silva); até um sonho, ou o drama assistido num circo mambembe podem ser assunto para um poeta. (MEYER, 1980, p. 93)

Os poetas e cantadores utilizam como matéria-prima para a escrita os acontecimentos do cotidiano que impactaram a sociedade ou a si mesmos, como desastres, mortes de pessoas importantes e famosas, entre outros temas. O rádio e a TV também são elementos relevantes, pois também podem servir de inspiração. E nesse processo o trabalho com a linguagem se torna enriquecedor, de modo que o escritor pode falar sobre diversos assuntos através dos

saberes e vivências populares, como fazem Joaquim Itapary (1936) e Rodolfo Coelho Cavalcanti (1919-1986).

Nesse sentido, as duas obras que analisamos: *Hitler no Maranhão ou O Monstro de Guimarães*, de Joaquim Itapary, e “O Monstro de Guimarães”, de Rodolfo Coelho Cavalcanti, exploram um acontecimento que ocorreu na cidade de Guimarães-MA no mês de agosto, no ano de 1944. Itapary apresenta uma história que contempla os gêneros da prosa e do cordel, e Cavalcanti, uma história em folheto de cordel. Ambos os autores contam a sua maneira como perceberam um acontecimento que tomou grandes proporções, ganhando a manchete de vários jornais importantes da época como o jornal *O Imparcial*:

O “BICHO” DE GUIMARÃES

Após penosa viagem, regressou ontem, de Guimarães, a lancha da Marinha Norte-Americana que havia conduzido até ali o sr. Comandante H. L. Roush, Observador Naval dos Estados Unidos, em nosso Estado.

Contou-nos o digno oficial norte-americano que a sua embarcação sofreu um acidente no rio Iporanga, que vai para S. João das Côrtes, indo de encontro às pedras. Em consequência desse acidente, a lancha teve o eixo e a helice danificados, sendo preciso regressar á cidade de Guimarães, onde demorou-se o tempo suficiente para proceder os reparos exigidos e regressar a esta capital.

Em virtude do ocorrido não pode o comandante Roush levar a bom termo as pesquisas que ia realizar em torno do falado aparecimento de um “bicho” ou baleia, no litoral de Guimarães, conforme noticiamos anteriormente

[...] respondendo a uma nossa pergunta, disse-nos o digno observador Naval: - “O aparecimento do “bicho” é um fato incontestável. Estou convencido disso. No entanto com a aproximação de lanchas ou de aviões, ele desaparece, devido, certamente, ao barulho dos motores, não sendo por isso mesmo possível a localização do tal “bicho” que somente poderá ser morto por metralhadoras colocadas em barcos a vela. Esse monstro marinho tem sido visto em pontos diferentes, sendo de notar que não se trata de baleia, pois que os locais do aparecimento são muito razos e quasi secos com a baixa das marés”.

“COBRA DO MAR”

Pela descrição feita pelo Sr. Carlos da Cruz Brenha, prefeito de Guimarães, ao Sr. Comandante Roush, baseada nas informações de diversos pescadores que têm divulgado o “bicho” a 100 metros de distancia e o desenham no papel, parece tratar-se de uma enorme “Cobra do Mar”, de proporções gigantescas que tem causado o naufrágio de algumas pequenas embarcações que tentam se aproximar dos locais, onde a mesma aparece. E assim concluiu o comandante Roush: - “O que é certo é que ou “Cobra do Mar” ou outra qualquer coisa, esse monstro tem aparecido no litoral de Guimarães, ao

contrário do que me pareceu de início, quando sobrevoei aquela zona no nosso dirigível e posteriormente num avião².

O jornal descreve as buscas que foram feitas pelo comandante Roush e as impressões que ele teve ao sobrevoar pela região. Além disso, a matéria apresenta a opinião dos pescadores que se mostravam aterrorizados com o surgimento de um “bicho” na região. Diante do exposto, iniciamos a nossa análise, mostrando como a obra *Hitler no Maranhão ou O Monstro de Guimarães*, de Joaquim Itapary, narra em prosa e cordel a história ocorrida em Guimarães-MA. Em seguida, analisamos a obra de Rodolfo Cavalcanti escrita em folheto de cordel.

Ao escrever a obra *Hitler no Maranhão ou o Monstro de Guimarães*, Joaquim Itapary iniciou uma empreitada ousada e instigante, ele falou sobre uma possível vinda de Hitler e Eva Braun ao Maranhão, mais precisamente à cidade de Guimarães: “Esta história comovente/ que abalou o Maranhão,/ tem Hitler, tem Eva Braun,/ Um monstro bem diferente” (ITAPARY, 2011, p.6). O autor destaca na estrofe que designa como intróito de sua obra qual seria o possível monstro caracterizado ao longo da narrativa e das estrofes, Hitler.

Dizem que é tudo mentira
Outros juram – é verdade!
Na Vila de Guimarães
Uma monstruosidade
Surgiu das águas silentes
Intranquilizando as gentes
Daquela amena cidade. (ITAPARY, 2011, p. 13)

Na estrofe, a voz poética³ conjectura em torno da mentira e da verdade, no que se refere à Vila de Guimarães e um acontecimento que nela se destaca: o surgimento de um monstro ou, uma “monstruosidade”, termo que a nosso ver, se refere ao surgimento de algo grandioso e grotesco.

A partir dessas suposições, nasce a lenda do Monstro de Guimarães. Itapary (2011) argumenta que isso aconteceu durante a escuridão da lua nova de agosto de 1944, mesmo ano da publicação da matéria “O “bicho” de Guimarães” pelo jornal *O Imparcial*. O governo se assustou com a possibilidade de um monstro estar nas redondezas e colocou as forças armadas em intensa vigilância para o surgimento de qualquer sinal do “bicho”. Em poucos dias, o

² Periódico completo disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107646&PagFis=32190&Pesq=Roush>. Edição de 08 de agosto de 1944.

³ Ao usar o termo “voz poética”, nos referimos aos trechos que assumem o formato de uma narrativa de cordel.

temível Monstro de Guimarães desaparece sem deixar qualquer rastro, ficando apenas no imaginário dos pescadores e na história da cidade de Guimarães.

Itapary (2011) comenta ter desvelado essa incógnita do monstro. O autor conta que Hitler sofreu um atentado, tendo sido salvo de uma explosão em seu quartel general pelo coronel Heinz Brandt, que não resistiu aos ferimentos e veio a falecer. Ao visitar um dos feridos no hospital, Hitler é advertido pelo chefe do serviço de segurança que novos atentados poderiam acontecer. Então o almirante Karl-Jesco Von Puttkamer, gravemente ferido, confessa ter um submarino UB-99, novo, seguro e veloz, que está pronto para manter o seu chefe protegido em um lugar remoto.

Hitler e sua mulher partem para o submarino na madrugada do dia 21 de julho rumo ao Atlântico Sul. Segundo Itapary (2011), o diário de bordo de um historiador de Leipzig registra que o submarino cruzou a linha do Equador às 22 horas do dia 3 de agosto de 1944 e teria estacionado a 2°07'57 de lat. S e 44° 36'3604 de long. W (coordenadas geográficas de Guimarães).

Conforme Itapary, o diário do historiador conta que Eva Braun estava entediada com a reclusão submarina e chegou a pedir que um bote a levasse à praia que ela visara pelo periscópio, a fim de caminhar e banhar-se um pouco. Para não perder a localização, o submarino surgia por alguns instantes e direcionava os faróis em direção à praia. Posteriormente, o submarino deixara uma boia luminosa no local onde emergiria algumas horas depois para recolher o bote de borracha e seus ocupantes.

Em uma das idas à praia junto com Eva Braun, o sargento Shöenner, que conhecia um pouco o idioma dos brasileiros, manteve contato com um pescador chamado Coutinho, que arrastava camarões na beira da praia e ofereceu o fruto do mar a toda tripulação do UB-99. Segundo o autor, após sessenta e cinco anos, ocorre “o definitivo desvendamento do mistério do Monstro de Guimarães. Adolf Hitler no Maranhão! Quem suspeitaria...” (ITAPARY, 2011, p. 18).

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu no meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. **Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar**

a seguir⁴, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Ao contar sobre a possível vinda de Hitler ao Maranhão, Itapary cumpre a função de narrador. Desse modo, a narrativa que antecede o cordel em sua obra, pode ser vista não como algo que realmente aconteceu – “o puro em si” –, mas como uma narrativa na qual se encontra a marca do narrador que atua sobre a história, descrevendo as circunstâncias em que tomou conhecimento dos fatos.

Nas páginas seguintes de sua obra, Joaquim Itapary (2011) confessa ter misturado ficção e realidade ao falar sobre Adolf Hitler no Maranhão. Os fatos verídicos e pessoas reais são: a tentativa de assassinato de Hitler, os nomes dos oficiais de seu estado maior e a permanência de um submarino que se deduz ter origem alemã, na costa de Guimarães.

Já os fatos e personagens que Itapary julgava terem sido criados por ele são: as visitas de Eva Braun à praia, o pescador Coutinho, o fornecimento de camarões à guarnição do submarino, o comandante do submarino, o sargento alemão que falava português, e a viagem da embarcação entre a Alemanha e o Brasil. Percebendo como a vida é envolta em mistérios, o autor fala sobre a visita de uma senhora de nome Afonsina:

Já sentada, apresenta-se:

– Doutor, muito prazer. Agradecida por ter-me recebido. Eu me chamo Afonsina Goulart Coutinho, filha segunda da doceira Áurea Goulart e José Inácio Coutinho, pescador de Guimarães, que já não vivem mais. Hoje sou professora municipal aposentada e moro na ilha de Urubuoca, próxima de Alcântara. Num jornal que o doutor Airton me levou, li o que o senhor escreveu sobre o meu pai e lhe trouxe um pequeno papel, deixado por minha mãe, que pode bem interessar ao senhor. Oferece-me então, dentro de um velho papel dobrado a modo de envelope, um cartão amarelado, com marcas de sujidades e traços de grafite. Assustei-me: escritas em alemão, com caligrafia feminina, sobressaem-se algumas poucas palavras, esmaecidas, quase sumidas. Com algum esforço lê-se: **herr Cotinho...danken....Hilfe....Umarmung herzlich. Eva B..un. Berl..November/45** [...] traduzo tais palavras para Dona Afonsina: **Senhor Coutinho....obrigada....ajuda. Abraço afetuoso. Eva Braun. Berlim. Novembro/45**. Com os olhos úmidos, Dona Afonsina levantou-se, deixou o cartão em minhas mãos, e despediu-se. (ITAPARY, 2011, p. 23-4)

⁴ Grifo nosso.

Misteriosamente o autor toma conhecimento de um bilhete que teria sido deixado pela mulher de Adolf Hitler . Desse modo, Itapary resolve saber um pouco mais sobre o que, de fato, aconteceu em Guimarães, principalmente sobre o pai de dona Afonsina e os encontros que ele teve com Eva Braun, hospedando-se na residência de um amigo no período do carnaval, localizada em Alcântara, cidade próxima a Guimarães: “– Sábado de carnaval –/ Vou Afonsina encontrar/ Breve escala em Alcântara/ Flutuando em preamar” (ITAPARY, 2011, p. 31).

Itapary se insere na narrativa no sentido de ser o narrador-personagem autodesignado, o que nos leva a pensar até que ponto os acontecimentos que ele descreve não estariam no plano da ficção, como o encontro com dona Afonsina e o bilhete que supostamente ela deixa nas mãos do escritor, contendo uma mensagem de Eva Braun. Nas primeiras páginas de sua obra, ele comenta ter respondido ao questionamento de uma leitora sobre a possível vinda de Hitler ao Maranhão: “Afinal Hitler veio ou não veio ao Maranhão? Ou isso não passa de realismo fantástico de um escritor apaixonado pelo que faz?” (ITAPARY, 2011, p.29). Ao que o escritor responde: “– Kátia, quem sabe onde termina o mundo virtual, sonhado, idealizado, aparente e o mundo objetivo, concreto, real? Onde termina a fábula e começa a história?” (ITAPARY, 2011, p. 29). É interessante destacar que em sua obra, Itapary desenvolve uma “brincadeira” com a imaginação do leitor, instigando-o a suposições que podem, em muitos aspectos, se relacionar aos limites da verdade histórica.

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento (BENJAMIN, 1994, p. 215)

Itapary demonstra ter uma grande versatilidade, visto que transita entre a narrativa e o cordel. Ele materializa o que Benjamin comenta ser a facilidade de o narrador se mover para cima e para baixo, pois transita entre a prosa e o cordel. Essa metáfora de Benjamin também dispõe de uma experiência coletiva, tendo em vista que o narrador pode falar de si e de outras pessoas que participaram do acontecimento narrado.

Em forma de prosa, Itapary descreve com riqueza de detalhes o encontro com dona Afonsina e as histórias que a senhora lhe contou. Ele comenta ainda sobre o romance de dona Afonsina e Zé Pato. Em forma de cordel, Itapary chega a ser mais sucinto, mas utiliza palavras precisas para reafirmar a história sobre Hitler no Maranhão.

Em Urubuoca recebido
Como rei ou marajá
Afonsina tem um trato
Muito natural de lá
Peixe e pirão fresquinho
Café moka bem quentinho
E o cantar do sabiá (ITAPARY, 2011, p. 37)

A voz poética relata ter sido bem recebida na ilha de Urubuoca, semelhante a um rei. Com comidas típicas da região, Afonsina lhe ofereceu peixe e pirão, além de café. Vimos que a recepção, na visão da voz poética, é calorosa e muito afetuosa, pois está ambientada em um lugar tipicamente maranhense, com frutas e árvores do lugar: “Há árvores grandes de pau d’arco, sumaúma, paparaúba, andiroba, palmeiras de babaçu, buriti e juçara, além de outras espécies comuns em nosso litoral” (ITAPARY, 2011, p. 35).

Após o jantar, a personagem da história, dona Afonsina, mostra ao autor uma foto de Eva Braun, que estava guardada em uma caixa com outros pertences: “Tirou do álbum e mostrou/ A foto de Eva Braun” (ITAPARY, 2011, p. 43):

Segurando entre as mãos um gatinho de feltro azul, Eva está bonita, sorridente, olhar brilhante, com ar de despreocupada felicidade. No verso da foto, a dedicatória, em tinta azul, sem data: Für Herr Coutinho, mit Dankbarkeit. Eva Braun – que se pode traduzir mais ou menos assim: Para o senhor Coutinho, com gratidão. Eva Braun (ITAPARY, 2011, p. 46)

A foto foi entregue ao pescador Coutinho como uma lembrança da passagem do führer e Eva Braun, e como agradecimento por tudo que o pescador fez por eles, pela água fresca e pela comida durante o tempo em que estiveram na praia de Guimarães. Tempos depois, a notícia sobre a morte do casal chega através de um telegrama, deixando o pescador triste e desolado.

Com efeito, não é a representação dos dados concretos particulares que produz na ficção o senso da realidade; mas sem a sugestão de uma certa generalidade, que olha para os dois lados e dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos dados particulares do mundo fictício (CANDIDO, 2015, p. 39)

Itapary consegue, com maestria, olhar para os dois lados: o lado do mundo real e o lado do mundo fictício. Isso mostra, conforme Candido, que o escritor consegue produzir um senso de realidade, transitando entre esses dois mundos. É nesse sentido que vimos como

Itapary consegue gerar um mundo novo que, como argumenta Candido, é regido pelas suas próprias leis, não as da natureza.

Desse modo, outro episódio da passagem de Hitler e Eva Braun diz respeito à morte da mãe de dona Afonsina, que abriu o baú de seu marido e pegou a lata de biscoito que o casal de alemães dera a ele. A mulher comeu todos e ficou muito mal, com uma gosma verde escorrendo pelo canto da boca até o momento em que não resistiu e faleceu. O seu marido buscou saber o que havia acontecido e descobriu que nos biscoitos havia uma substância conhecida como cianureto, a mesma utilizada por Eva Braun ao suicidar-se. Esse acontecimento da morte da mãe de dona Afonsina também é contado pelo autor em forma de cordel:

Quem diria que a mãe
Da professora Afonsina
Teve morte tão dramática
Como a filha hoje declina
Os biscoitos ofertados
Cruelmente envenenados
Cumpriu lamentável sina. (ITAPARY, 2011, p. 115)

Donas Afonsina e Zé Pato mostram dois objetos enrolados em panos de estopas que, segundo Itapary (2011) confirmam a presença do Führer e Eva Braun pelas terras de Guimarães: “era uma BYF Luger 42/P08 – 9 mm de calibre”(ITAPARY, 2011, p. 232). O Segundo objeto era um fuzil: “um fuzil Mauser – modelo FO-1908” (ITAPARY, 2011, p. 232). O escritor conta sobre isso por meio do cordel:

A história volta e meia
Retorna ao mesmo lugar,
Sinais da presença alemã,
Aparece sem parar,
Aqui a pistola Luger,
O famoso fuzil Mauser,
O casal vem me mostrar. (ITAPARY, 2011, p. 227)

Nas últimas páginas de sua obra, Itapary se mostra satisfeito e acredita ter resolvido o mistério do “Monstro de Guimarães” que, na verdade, teria sido a vinda de Adolf Hitler e Eva Braun ao Maranhão. Inicialmente, o escritor utiliza um verso de cordel que confirma que a sua missão na Ilha de Urubuoca estava finalizada:

Estava assim confirmado
Com documentos e fotos,

Que Eva e Hitler vieram,
Juntos com alguns devotos,
Encontrar no Maranhão,
Segurança e proteção
Naqueles mares remotos. (ITAPARY, 2011, p. 235)

Com o sentimento de missão cumprida expresso em versos, Itapary (2011) pensa em retornar a sua casa, pois o mistério está desfeito: “Então, pensei: é hora de voltar para São Luis. Afinal, pelo menos para mim, está desfeito o mistério do Monstro de Guimarães” (ITAPARY, 2011, p. 238):

Além disso, eu obtive a confirmação da incrível presença de Adolf Hitler, em um submarino U-99, em agosto de 1944, no litoral maranhense, graças ao exame de documentos e fotografias autênticos, corroborados pela narrativa de fatos, dos depoimentos feitos por pessoas insuspeitas e a manipulação de objetos deixados pelos alemães. A história estampada na revista *Der Spiegel* de autoria do professor Heine Krügger, da Universidade de Leipzig, é verídica [...] Entre tantas coisas, levarei de Urubuoca, ofertadas pela professora Afonsina, as fotografias de Eva e Adolf Hitler, de dirigíveis Zepelins na base do Tirirical e a fotografia do mítico Monstro de Guimarães, colhidas de um hidravião. (ITAPARY, 2011, p. 238)

Joaquim Itapary (2011) utiliza as palavras de forma precisa, conseguindo transportar o leitor aos ambientes em que supostamente esteve e que descreve. Além disso, vimos que há uma engenhosidade singular no tratamento dado à realidade que o escritor nos apresenta, bem como na construção de sua narrativa, que transita entre a crônica, a narrativa e o cordel. Nesse entrecruzamento entre realidade e ficção, o “Monstro de Guimarães” ganha um contorno de vivacidade, verdade e mistério.

Vale destacar também que o escritor usa uma espécie de terceiro sentido da história, que remete a uma narração que pode ser verdadeira ou falsa, com base na realidade histórica, conforme Le Goff (2012, p. 20-21) argumenta: Mas a história pode ter ainda um terceiro sentido, o de narração. Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula.

Ao analisarmos obra *Hitler no Maranhão ou o Monstro de Guimarães*, percebemos que o autor dispõe do “impulso”, isto é, do movimento de criação artística, pois ele se utiliza de outras palavras sobre as quais expõe as suas impressões. Tavares (2005) denomina essa prática de impulso:

Todo movimento de criação artística, e não só a poesia, tem origem nesse impulso. É um impulso de dentro para fora: a pessoa quer dizer alguma coisa, seja sobre seus sentimentos pessoais, sua imaginação ou suas opiniões sobre Deus e o mundo. E é também um impulso de fora para dentro, em que o recém-poeta percebe que existe um mundo inteiro de poemas pedindo para ser lidos. Existe uma tradição inteira para ser conhecida, reverenciada, absorvida, imitada e transcendida. (TAVARES, 2005, p. 17)

O impulso se caracteriza inicialmente pelo movimento de dentro para fora, ou seja, o escritor deseja expressar seus sentimentos pessoais e a sua imaginação, ou opiniões sobre Deus e o mundo através da escrita. Quando o impulso ocorre de fora para dentro, o poeta percebe que existe um mundo inteiro de poemas a sua disposição, os quais ele precisa conhecer, reverenciar e absorver. Fazer parte desse processo permite ao escritor inventar a sua voz pessoal, como afirma Tavares.

Além da utilização do “impulso”, Itapary (2011) sugere a criação de uma imagem visual do “Monstro de Guimarães”. Para melhor compreensão, utilizamos Tavares (2005) para explicar esse processo. Tavares comenta sobre os poetas que criam imagens em seus versos, estimulando os sentidos daqueles que leem os seus poemas e sua prosa. A descrição é o principal elemento, pois, quando o poeta a utiliza, o leitor é capaz de criar imagens e sentidos, a exemplo das sensações táteis que podem acompanhar a ação descrita:

Existem palavras e expressões que despertam imediatamente uma resposta visual. Se eu pedir ao leitor para pensar num triângulo azul, tenho certeza de que o que vem à sua mente é uma imagem visual, e não um conceito abstrato como “figura geométrica com três lados e três ângulos, na tonalidade do céu num dia ensolarado.” (TAVARES, 2005, p. 20)

O autor explica o recurso da visão, mostrando como certas palavras e expressões despertam uma imagem visual e denomina esse recurso de decodificação, que “é feita nas limitações do nosso vocabulário” (TAVARES, 2005, p. 20). Em outras palavras, o poema pode nos ajudar a formar novas imagens visuais, como identificamos na história de Joaquim Itapary.

“O MONSTRO DE GUIMARÃES”, DE RODOLFO COELHO CAVALCANTI: RIMAS QUE APRESENTAM UMA HISTÓRIA DE MISTÉRIO

Suassuna (2012) chama atenção do leitor para a grande importância da Literatura Popular para o Brasil. Ele fala que essa importância consiste no fato de que a referida literatura constitui uma “tradição viva”, peculiar e fonte de uma Literatura erudita realmente nossa. Essa riqueza se revela nos contos da poesia improvisada dos cantadores, nos “romances⁵” da literatura de cordel, e nos espetáculos populares do Nordeste, a exemplo do bumba meu boi.

Suassuna (2012) propõe um esquema classificatório do Romanceiro Popular do Nordeste. De um lado estaria a Poesia Improvisada com: sextilhas, décimas e outras estrofes. De outro, a Literatura de Cordel e de Tradição Oral Decorada, com romances, Abecês, Pelejas e Cantigas. Estariam ainda os ciclos: Heróico; Maravilhoso, Religioso e de Moralidades; Cômico, Satírico e Picaresco; Histórico e Circunstancial; de Amor e Fidelidade.

Dessa maneira, a parte em versos da obra de Joaquim Itapary, *Hitler no Maranhão ou O Monstro de Guimarães*, estaria inserida no ciclo histórico e circunstancial, e maravilhoso. É preciso ressaltar que a parte em prosa do autor citado escapa desse esquema, uma vez que Suassuna não se debruça sobre ela na classificação que elabora. O cordel de Rodolfo Coelho Cavalcanti, “O Monstro de Guimarães” se encaixa nos mesmos ciclos da parte em versos da obra do primeiro escritor.

Nas páginas deste folheto
Quero também divulgar
Do monstro que está surgindo
Em Guimarães, beira-mar,
No Estado do Maranhão
É uma grande confusão
Que ninguém pode explicar. (CAVALCANTI, s. d., p. 1)

A voz poética inicia o seu folheto com uma espécie de “divulgação” sobre o que está acontecendo na cidade de Guimarães-MA, o surgimento de um monstro que tem causado grande confusão no Estado. O último verso “Que ninguém pode explicar”, abre espaço para que a voz poética entre em cena com o seu folheto, apresentando o que pode estar ocorrendo:

Dizem que o mês de Agosto
Traz toda atrapalhação
Quando não é a guerra é uma seca
Passar em paz, isto não!

⁵ Ao colocarmos a palavra “romance” entre aspas nos referimos à forma poemática do texto que se configura como uma narrativa romanesca, mas difere da estrutura das narrativas comuns ao gênero romance. Tavares (2005) pontua que todas as literaturas têm poemas narrativos muito antigos, sendo que alguns são de autoria anônima, pois foram transmitidos oralmente através de muitos séculos.

Traz todo inconveniente,
Neste ano é uma serpente
Que surge no Maranhão. (CAVALCANTI, s. d., p. 1)

Os versos do poeta nos permitem destacar novamente o mês e o ano da publicação do jornal *O Imparcial*, agosto de 1944, ano em que a Segunda Guerra Mundial estava ocorrendo, como mostra o terceiro verso. Outro fato significativo citado pela voz poética no mesmo verso é a seca. São episódios da história que “Traz todo inconveniente”. Os últimos versos da segunda estrofe apresentam o inconveniente do qual a voz poética irá falar, a serpente que surgiu no Maranhão.

Os poetas orais podem sofrer, ao longo do tempo, a influência de certos procedimentos linguísticos, de certos temas próprios às obras escritas: a intertextualidade varia então de registro a registro. De qualquer maneira, e salvo exceções, a poesia oral hoje se exerce em contato com o universo da escrita. Isto não implica necessariamente um contato com a poesia escrita, embora em um prazo mais ou menos longo este possa ocorrer. Nesta situação de coexistência, classificaremos preferencialmente os fatos conforme o ponto de impacto da escrita sobre a comunicação poética oral se situe na produção, na conservação, ou na repetição do poema (ZUMTHOR, 1997, p. 22)

Considerando o fragmento em destaque, percebemos como o cordel de Cavalcanti parte da oralidade, pois se trata, essencialmente, de uma história contada pelo povo. Nesse sentido, a oralidade se une ao universo da escrita. Essa união demonstra uma coexistência que conserva o poema e o repete no que se refere ao seu processo de publicação.

É interessante notar que na obra de Joaquim Itapary, o monstro de Guimarães-MA se caracterizava, na verdade, pela vinda de Hitler e Eva Braun ao Maranhão, a fim de fugir de novos atentados. No cordel de Rodolfo Coelho Cavalcanti, o monstro é uma serpente:

[...]
Vem uma cobra desumana
“Virge” que tanta maldade!
“O Imparcial” maranhense
Jornal de muito respeito
Relatou que em Guimarães
Dessa cidade o prefeito
Deu completa descrição (CAVALCANTI, s. d., p. 1)

Vimos que a voz poética utilizou uma notícia de jornal como fonte de inspiração e matéria-prima para o seu processo de escrita do folheto de cordel sobre o Monstro de

Guimarães, o que nos permite retomar o fragmento de Meyer (1980) utilizado no início do texto, quando a autora comenta que os poetas se inspiram em acontecimentos marcantes do cotidiano. São esses eventos que se tornam matéria-prima no processo de escrita. É possível perceber a partir da quinta estrofe, o verso com o nome do comandante que fez buscas na região na época:

Foi o comandante Roush
Observador Naval
(Que é dos Estados Unidos)
Ao prefeito local
Da cidade conhecida
Onde a cobra referida
Estava causando mal. (CAVALCANTI, s. d., p. 2)

O primeiro verso destaca o nome do comandante Roush. Nome que também está na matéria do jornal *O Imparcial* no início deste artigo. Os versos seguintes mostram como a cobra está causando mal à população da cidade de Guimarães. Dessa maneira, podemos retomar o argumento de Candido (2015, p. 9) que mostra como uma narrativa se constitui a partir de materiais não-literários. Um senhor chamado Carlos da Cruz, na estrofe seguinte, comenta que a uma distância de cem metros se via o animal. Desde então os pescadores haviam deixado o seu trabalho:

[...]
Os humildes pescadores
Tinham deixado os labores
Já receiosos bastantes.

O povo não tinha dúvida
De baleia não se tratava
O monstro tem um aspecto
Que ninguém não afirmava
Ser um peixe conhecido
Um caso desconhecido
Que só mistério notava (CAVALCANTI, s. d., p. 2)

Assim como na primeira obra analisada, *Hitler no Maranhão ou O Monstro de Guimarães*, na obra de Cavalcanti também encontramos suposições sobre a forma do monstro e seu aspecto: “O monstro tem um aspecto/ Que ninguém não afirmava”. A respeito disso, destacamos Candido novamente, que aborda sobre a importância de algumas características para criar um sentimento de verdade (1986, p. 24-5): “[...] as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança”. Na estrofe

seguinte, a voz poética comenta sobre a forma do corpo do monstro, supondo que ele seria um dragão:

[...]
Pela forma do seu corpo
Se trata de um dragão
Que tem a facilidade
De virar uma embarcação
[...]
Vive o povo em Guimarães
E os pescadores alarmados
Todos os negócios marítimos
Estão quase abandonados
A pesca principalmente
Já sofre completamente
Precisa muitos cuidados. (CAVALCANTI, s. d., p. 2-3)

Ao mostrar as conjecturas sobre o monstro, retomamos o pensamento de Tavares (2005), que fala sobre a criação de imagens, quando algumas palavras e expressões despertam imediatamente uma resposta visual. Assim acontece no cordel de Cavalcanti que, ao pensar sobre a forma do monstro, propicia a criação de imagens visuais ao leitor. No verso seguinte vimos como está a situação de parte da população que vive da pesca: “Todos os negócios marítimos/ Estão quase abandonados”. O sofrimento para todos é intenso, de modo que os cuidados foram redobrados na região. Ainda assim, alguns pescadores continuam o seu trabalho:

Porém existe ainda alguns
Corajosos pescadores
Para o bem de sua terra
Merecem palmas de flores
Sem temerem do perigo
Mesmo perto do inimigo
Prosseguem nos seus labroes.
[...]
Alguém diz que esta caça
Será de lancha e vapor
Avião bem carregado
De bombas, com um aviador
Porém ninguém tem certeza
Será uma grande surpresa
Para este monstro, leitor. (CAVALCANTI, s. d., p. 4)

Ao apresentar em seus versos como o monstro da cidade de Guimarães poderia ser, além de sua forma, a voz poética comenta sobre a necessidade de exterminar o bicho, o que nos remete a caracterização de Candido (1986, p. 28) sobre uma personagem: “deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo”.

Alguem diz que esta caça
Será de lancha e vapor
Avião bem carregado
De bombas, com um aviador
[...]
O povo precisa paz
À Deus eu rogo contrito
Que o povo maranhense
Deixa de viver aflito
Que este monstro profundo
Será mostrado ao mundo
O seu aspecto exquisito. (CAVALCANTI, s. d., p. 4-5)

A voz poética expressa um desejo para o povo maranhense, o fim da aflição de um povo que parou as suas atividades por conta do medo de um terrível monstro: “À Deus eu rogo contrito/ Que o povo maranhense/ Deixa de viver aflito” (CAVALCANTI, s. d., p. 5). A matéria de *O Imparcial* caracteriza a aflição do povo e é destaque na edição de 1944:

SERPENTE MARINHA

Continua na ordem do dia, prendendo a atenção de nossa população o caso do aparecimento de um monstro marinho, nas águas de Guimarães.

Ainda em nossa edição de ontem tratamos do assunto publicando a opinião do ilustre comandante Roush, observador Naval dos Estados- Unidos, neste Estado.

O clichê que ilustra esta página foi extraído de um desenho, feito, exatamente, de acordo com a descrição feita ao comandante Roush pelo Sr. Carlos da Cruz Brenha, prefeito de Guimarães. Essa forma estranha com que os gigantesco animal se apresenta aos olhos dos pescadores numa distancia de 100 metros.

O que está fora de dúvida é que não se trata de baleia, mas de um outro qualquer monstro marinho de enormes proporções, capaz de fazer naufragar, com um simples movimento na água, as pequenas embarcações que dele se aproximarem.

Não é, pois, sem razão que os pescadores daquela zona vivam apavorados com o aparecimento em pontos diferentes desse “bicho” descomunal de mais de uma dezena de metros.

Do estranho animal o que mais se destacam, acima da superfície da água, são as voltas enormes do corpo, permanecendo tanto a cabeça como a cauda, meia submersas.

OS PESCADORES ESTÃO ALARMADOS

Pelas informações que colheu em Guimarães o ilustre comandante Roush, ninguém pode mais duvidar da existência do monstro. O seu aparecimento é um fato incontestável, muito embora não tenha sido o mesmo localizado pelo digno oficial norte-americano em suas sucessivas pesquisas feitas de dirigível e posteriormente, de avião.

Segundo notícias que nos chegam de Guimarães **os pescadores do litoral daquele município estão tomados de verdadeiro pavor, sendo que a maioria deles já abandonou a sua profissão com sérios prejuízos para a população.**⁶

Apenas os mais afoitos, esquecendo os perigos que oferece a existência de semelhante “bicho” nas águas de Guimarães fazem-se ao mar diariamente, com a coragem indomita e característica dos homens de sua profissão.

CAÇA AO MONSTRO

Urge que seja organizada uma caça ao monstro, a fim de eliminá-lo, restabelecendo-se o sossego dos pescadores de Guimarães.

Estamos certos de que as autoridades já estão tomando as providências que o caso exige, visando, certamente, uma empresa dessa ordem.

Mas, como será feita essa caça?

É sabido que por meio de avião ou de lancha a motor, conforme as declarações do comandante Roush é impraticável qualquer tentativa neste sentido, pois com o barulho dos motores o “bicho” desaparece.

O único meio será então, o indicado pelo observador Naval norte-americano o qual consiste em utilizar-se para isso de pequenas embarcações a vela, armadas de metralhadoras.

Agora perguntamos: – Como reagirá o monstro a aproximação dos barcos, se com um simples revolucionar de águas ele poderá virar qualquer um desses barcos?

Não há dúvida de que se trata de uma empresa difícil quando arriscada, mas que deve ser levada a efeito, imediatamente para que a paz de espírito volte a reinar entre os pescadores de Guimarães.⁷

A matéria caracteriza de forma significativa o medo e o pavor dos pescadores da região de Guimarães: “Os pescadores do litoral daquele município estão tomados de verdadeiro pavor”. Por isso as autoridades competentes já manifestavam a intenção de realizar uma caça ao “monstro” para restabelecer o sossego dos moradores.

⁶ Grifo nosso.

⁷ Periódico completo disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107646&PagFis=12800&Pesq=monstro%20de%20guimar%c3%a3es>.

Cavalcanti fala sobre uma revista chamada *Eu sei tudo*, que publicou um desenho (cf. Figura 1) de como seria o monstro: “Um desenho que é o mesmo/ Do monstro que se falou/ O clichê da tal serpente”. É interessante ressaltar que o autor caracteriza o monstro como um clichê, que é uma peça ilustrada que serve para a reprodução da imagem contida nela. De outro lado, utilizando ainda a menção à gravura da revista citada, ele comenta que o monstro é um dragão: “Do monstro descomunal/ E agressivo dragão”.



Figura 1 – Ilustração do senhor Carlos da Cruz Brenha (Desenho), 1944.

A matéria do jornal *O Imparcial* intitulada “Serpente Marinha” reforça a ideia de que o “bicho” seria uma serpente, principalmente pela ilustração feita pelo prefeito da cidade na época do acontecimento, Carlos da Cruz Brenha. O clichê da serpente que consta na notícia foi extraído do seu desenho. A matéria do jornal oferece outras informações: de que o “monstro” é um animal gigantesco, não é uma baleia e se apresenta aos olhos dos pescadores em uma distância de cem metros.

Nas estações quando o trem
Já vem bem perto apitando
Grita um: a cobra é grossa
O bicho já está gritando
Esta cobra dá em gente
“O imparcial” faz serpente
P’ra gente estar malucando (CAVALCANTI, s. d., p. 6)

Mais uma vez a voz poética comenta sobre como seria o monstro, mas dessa vez, por meio da opinião das pessoas que souberam do Monstro de Guimarães: “Grita um: a cobra é grossa/ O bicho já está gritando”. Esses versos mostram como o monstro, após a notícia,

passou a povoar o imaginário da população, inclusive de outros estados. Na estrofe a seguir, a voz poética fala:

Por toda parte se fala
Da cobra do Maranhão
Cadê o jornal de cobra
Me venda um meu irmão.
[...]
A serpente, meus leitores,
É um monstro natural
Já tem surgido no mundo
Como afirma o “Imparcial”
Porém é muito manhoso
Muito astuto e perigoso
Para uma tragédia fatal. (CAVALCANTI, s. d., p. 6-7)

Nessa estrofe, a voz poética designa o monstro como uma serpente e lhe atribui características: “Porém é muito manhoso/ Muito astuto e perigoso”. Além disso, o bicho é visto como um “monstro natural”, o que pode favorecer “Para uma tragédia fatal”. Em outra estrofe, ela comenta que esse acontecimento demonstra uma evolução: “O mundo cada vez mais/ Prossegue se evoluindo/ Fenômenos de toda espécie”. A voz poética fala também sobre outros fenômenos que aconteceram em outros lugares, mas pede o livramento disso tudo: “Vala-me Deus e Jesus/ Livre a humanidade e eu” (CAVALCANTI, s. d., p. 7).

Aqui termino, leitores
O meu pequeno livrinho
Se eu morasse mais perto
Saía mais direitinho
Escrevi pelos sinais
Que observei nos jornais
Do belo Estado vizinho. (CAVALCANTI, s. d., p. 8)

O autor morava em Salvador-BA e é desse lugar que constrói uma opinião sobre o acontecimento da cidade de Guimarães-MA: “Se eu morasse mais perto/ Saía mais direitinho”. Nesse sentido, ele comenta ter observado a matéria de jornal que, a nosso ver, foi o elemento de sua inspiração para o processo de escrita. Nesse sentido, Candido (1986, p. 30) mostra que no processo de inventar a personagem, ela pode ser vista como um ente reproduzido ou inventado. E essas alternativas nunca existem em estado de pureza.

Quem tiver sua fé em Deus
Rezem a Nosso Senhor

Para que em Guimarães
Desapareça o pavor
Que peguem esta serpente
Para que aquela gente
Fique tranquila, leitor. (CAVALCANTI, s.d., p. 8)

Na penúltima estrofe, a voz poética se solidariza com a população de Guimarães, pedindo aqueles que têm fé que rezem “Para que em Guimarães/ Desapareça o pavor”. Na última estrofe o autor estabelece o preço de um cruzeiro, “Devido a impressão que é cara”. Nesse sentido, ele promete uma nova história quando a cobra for capturada, desejando ganhar dinheiro com a história do “Monstro de Guimarães”.

Mas a literatura popular não é apenas imaginação. É também a observação, o comentário, a crítica da vida cotidiana. E sob esse aspecto ela se aproxima, vivamente, do jornalismo. Nesse terreno entram, em primeiro lugar, “os casos de época”, geralmente de vida efêmera (PROENÇA, 1976, p. 43)

Os escritores da literatura popular usam a imaginação como um elemento relevante no processo de escrita. A imaginação dá base ao diálogo que eles podem estabelecer em suas histórias e isso não os limita, pois a literatura de cunho popular pode ser vista sob novos e múltiplos olhares, uma vez que ela dispõe de observação, comentário e crítica da vida cotidiana. Nesse sentido, observamos que Joaquim Itapary e Cavalcanti reúnem esses elementos. Em suas respectivas obras, “o monstro de Guimarães” descortina a originalidade e a versatilidade não somente dos autores, como também da da literatura popular.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste artigo analisamos duas obras, *Hitler no Maranhão ou O Monstro de Guimarães* (também contada em forma de cordel), de Joaquim Itapary, e “O Monstro de Guimarães”, de Rodolfo Coelho Cavalcanti. Ambas exploraram um acontecimento que ocorreu na cidade de Guimarães-MA, o surgimento de um monstro marinho sobre o qual alguns faziam suposições e que acreditavam ser uma grande serpente.

Em *Hitler no Maranhão ou O Monstro de Guimarães*, Joaquim Itapary conta a história do Monstro de Guimarães de uma forma diferente, relatando ter sido, na verdade, a vinda de Adolf Hitler e Eva Braun à cidade de Guimarães-MA, após uma fuga do seu esconderijo devido a um atentado à vida do Führer. Itapary conta em versos de cordel e, ao mesmo tempo, em prosa, narrando detalhes do encontro com dona Afonsina, uma história que se iniciou desde quando o escritor escreveu sobre Adolf Hitler pela primeira vez.

No cordel “O Monstro de Guimarães”, de Rodolfo Coelho Cavalcanti, o poeta relata a partir da matéria publicada no jornal *O Imparcial* sobre o surgimento do “Monstro de Guimarães”, como percebeu tal acontecimento e como viu as pessoas reagirem à matéria. O escritor relata as suas impressões sobre o episódio, supondo como seria o monstro, se um dragão ou uma serpente.

Destacamos as matérias do jornal *O Imparcial* intituladas “O bicho de Guimarães” e “Serpente Marinha”, a fim de compreendermos como os escritores das obras analisadas desenvolveram os respectivos processos de escrita sobre o mesmo acontecimento. Assim, foi possível perceber como os escritores utilizaram um evento histórico como fonte de inspiração para a escrita e reinventaram a história por meio dos seus saberes e vivências populares.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin, 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **O Monstro de Guimarães** [folheto de cordel]. 2 ed, s. d.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. 5 Ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2015.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. 2ª edição. Editora Perspectiva: São Paulo, 1986.

ITAPARY, Joaquim. **Hitler no Maranhão**. São Luis: Academia Maranhense de Letras. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MEYER, Marlyse (sel.). **Autores de Cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

O BICHO de Guimarães. **Jornal O Imparcial**. São Luís-MA. 08 de agosto de 1944.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107646&PagFis=32196&Pesq=Roush>
. Acesso em: 10 fev. 2020.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro, Imago. Brasília, INL, 1976.

SUASSUNA, Ariano. Notas sobre o Romancero Popular do Nordeste. In: _____. **Seleção em Prosa e Verso**. Org. Silviano Santiago. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. p. 249-284.

SERPENTE Marinha. **Jornal O Imparcial**. São Luis-MA. 09 de agosto de 1944. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107646&PagFis=32196&Pesq=Roush>
. Acesso em 20 fev. 2020.

TAVARES, Braulio. **Contando histórias em versos: Poesia e Romancelo Popular no Brasil.** São Paulo: Ed. 34, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Editora HUCITEC: São Paulo, 1997.

RECEBIDO EM: 24/07/2020 - APROVADO EM: 22/09/2020